

Crime organizado usa 'bets' para lavar dinheiro e lucrar



Camion do dinheiro. PF fez operação em abril mirando casas de apostas que seriam ligadas ao PCC no Ceará: mercado de bets e pano de fundo de disputas territoriais e afãs assassinatos pelo país

APOSTA DO CRIME
Chefes de facções e do bicho se aproveitam de 'bets' para lavar e ampliar seus lucros

BERNARDO MELLO E RAFAEL SOARES

Facções criminosas, como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV), e "capos" do jogo do bicho já disputam fatias do mercado de apostas esportivas, também conhecidas como "bets". O GLOBO levantou inquéritos policiais em estados como Rio, Ceará e Rondônia que apontam o uso das apostas online, legalizadas no Brasil desde 2018 e em processo de regulamentação neste ano, para maximizar ou lavar receitas de atividades ilícitas. A investida de organizações criminosas se misturou com brigas territoriais, incluindo assassinatos, incêndios e ataques em pontos de aposta. No ano passado, o Congresso aprovou legislação que prevê a taxação e regulamentação das apostas esportivas online. A nova lei, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, estabelece regras para o licenciamento e busca cobrir a entrada de recursos ilegais. Até agora, contudo, investigações apontam que o mercado de apostas se tornou um ramo atrativo para o crime.

Em abril, a Polícia Federal prendeu dois parentes de Marcos Williams Herbas Camacho, o Marcola, um dos chefes do PCC, em uma operação que apura o envolvimento da facção paulista com casas de apostas no Ceará. O inquérito apontou que Leonardo Alexandre Ribeiro Herbas Camacho, sobrinho de Marcola, divulgou em suas redes sociais anúncios da Fourbet, uma plataforma de apostas esportivas online. Na prisão da cunhada de Marcola, Francisca Alves da Silva, a PF encontrou um recibo de transferência bancária e um bilhete com alusões a Menezes de Araújo Souza. Menezes é apontado como responsável pela contabilidade do PCC no Ceará e participava da gestão de unidades

físicas da Loteria Fort no estado, segundo a investigação. Os policiais também identificaram materiais de divulgação da Fourbet e da Loteria Fort nos mesmos pontos de aposta. A suspeita de ele entre as bets e o PCC foi reforçada, segundo a PF, após uma abordagem policial em 2022 encontrar Leonardo no carro de Henrique Abraão Gonçalves da Silva. Ele é filho de uma das gestoras da Loteria Fort no Ceará, Cintia Chaves Gonçalves. Leonardo afirmou aos policiais que trabalhava para Henrique, que se apresentou como responsável pela Fourbet no Mato Grosso do Sul. Ao indicar o quarteto por organização criminosa, o delegado da PF Igor César Conti Almeida escreveu que há "robustos indícios, também, da prática de lavagem de dinheiro obtido de forma ilícita" através das plataformas de apostas. A PF ainda não estimou o montante lavado, mas mapeou um total de R\$ 301 milhões movimentados nas contas de mais de 20 investigados.

"DIVERSIFICAR ATUAÇÃO" Coordenador do Grupo de Estudos dos Novos Illegais (Geni) da UFF, o sociólogo Daniel Hirata avalia que as apostas online são uma "nova fronteira" para grupos que sempre buscaram diversificar suas atividades. Ele cita as rifas promovidas pelo PCC nos anos 1990, na periferia paulistana, como exemplo de que jogos de azar podem se prestar mais do que à lavagem de recursos, e servem também para capitalizar as organizações.

—Os mercados preferenciais desses grupos são de regulamentação e fiscalização fracas. As bets representam uma oportunidade pelo ingresso de valores relativamente pequenos por aposta, mas com grande malha de atuação. E além dessa passagem de dinheiro da economia ilegal para a legal, as organizações criminais bus-

INVESTIDA CRIMINOSA



cam entrar em atividades que podem ser lucrativas por si mesmas — avalia. No Ceará, o PCC enfrenta a concorrência do CV pelo controle de casas de apostas. No fim de 2021, chefes do CV chegaram a proibir empresas como a Loteria Fort e a Fourbet de atuar em sua área de influência. Segundo o Ministé-

rio Público estadual, a desavença está por trás de incêndios em casas de apostas no estado. O MP atribui os ataques a orientações de Douglas Honorato Alves, encarregados dos negócios da facção carioca no Ceará, e atualmente foragido. Os investigadores encontraram mensagens nas quais Alves cobra seus comparsas a

WhatsApp chat screenshots showing messages from 'Leonardo Alexandre Ribeiro Herbas Camacho' and 'Comando Vermelho' regarding betting operations and legal issues.

impedir o funcionamento de casas que não se aliarem à Loteria do Povo, ligada à facção. No Rio, a máfia que domina o jogo do bicho e as máquinas caça-níquel também expandiu seus tentáculos para as bets. Um dos bicheiros que já diversificou seus negócios é Rogério Andrade. Um e-mail de um de seus funcionários,

encontrado pelo MP, revela que o bando estava engajado na criação de um site de apostas fora do país já em 2020.

"Quando ele tiver isso, nunca mais vamos correr o risco da Justiça achar que estamos fazendo algo ilegal", dizia a mensagem.

"ELE PROÍBE MESMO"

Em agosto de 2022, quando Andrade foi preso pela PF num sítio na Região Serrana do Rio, agentes apreenderam um bilhete citando uma plataforma de apostas, "Heads Bet", e a frase "já está pronta". Com sede em Curaçao, paraíso fiscal caribenha, a Heads Bet segue em operação e tem 12 mil seguidores no Instagram.

Os bicheiros também tentam impor no mundo digital o monopólio que exercem nas esquinas da cidade. Em uma troca de mensagens por celular, obtida pelo MP, um dos gerentes de Andrade alerta seu interlocutor, interessado em operar "apostas de futebol feitas em um site", a não se dar a operação em regiões de influência do bicheiro: "Irmão, isso aí é uma coisa que é do homem, entendeu? Se for na área, não pode, entendeu? Ele proíbe mesmo".

A disputa por esse mercado digital também foi o pano de fundo da execução do advogado Rodrigo Marinho Crespo, em fevereiro, no Centro do Rio. Para o MP, Crespo incriminou "interesses escusos de uma organização criminosa atuante" no ramo de bets ao comprar domínios de sites. Item Rondoniense, a PF identificou em 2021 que responsável por um site de apostas lavava dinheiro oriundo de remessas maculelas e cocaína para o CV em oito estados brasileiros. Segundo a investigação, o dinheiro era injetado na bet Rondo Esportes, de Leandro Blumer, e depois saía em forma de "prêmios" pagos aos próprios integrantes da quadra. No aguardo da operação, a casa chegou a pagar quase R\$ 13 milhões a apostadores em apenas uma semana.

Num dos casos, a PF rastreou pagamentos de R\$ 1,1 milhão feitos à quadra por uma carga de 120 quilos de cocaína, interceptada a caminho de Minas Gerais. O dinheiro, segundo o inquérito, foi parar nas contas da Rondo Esportes, que já patrocinava um time de futebol até abri-la filial no Mato Grosso, antes de ser suspensa pela Justiça. Blumer chegou a ser preso em 2021, mas hoje responde em liberdade.

Procurada, a defesa de Leonardo Herbas Camacho negou que ele esteja "envolvido em qualquer atividade ilegal" ou que seja integrante de "organização criminosa". A defesa de Francisca Alves da Silva afirmou que ela "não possui nem jamais possui qualquer tipo de relação com quaisquer casas de apostas". O advogado de Cintia Chaves afirmou que a Loteria Fort atua na legalidade e "não tem qualquer relação com a Fourbet" ou com facções. A defesa de Henrique não quis comentar o caso. O advogado de Rogério Andrade não quis se manifestar. Nos processos que respondem, no entanto, ele nega todas as acusações feitas pelo MPRI.

A defesa de Leandro Blumer afirmou que há "perfeita lisura das atividades" da Rondo Esportes, e disse que a denúncia é "equivocada e fruto do natural desconhecimento" sobre o mercado de bets. O GLOBO não conseguiu contato com as defesas dos demais citados.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil Página: 18